

# A IMPORTÂNCIA DA ENFERMAGEM OBSTÉTRICA NO PARTO NORMAL

Anna Luiza Aymberé <sup>1</sup>

Rayssa Caroline Aparecida de Oliveira <sup>1</sup>

Luís Roque Guidi Júnior <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Discente de Enfermagem, Centro Universitário Amparense - UNIFIA.

<sup>2</sup> Mestre Docente, Centro Universitário Amparense – UNIFIA.

## Resumo

**Introdução-** No Brasil, por volta dos anos 90, em meio ao contexto sobre o modelo biomédico na obstetrícia, houve a inserção do enfermeiro obstétrico, reconhecida nas políticas públicas de atenção ao parto e nascimento instituídos no mesmo. Ademais os cursos de especialização em enfermagem obstétrica vêm adquirindo valorização do saber popular vinculando com o conhecimento científico, de modo que relacione as habilidades técnicas e valorização da equipe interdisciplinar

**Objetivo-** Expor a importância da enfermagem obstétrica no parto normal na atualidade de acordo com o processo histórico da mesma, promovendo assim, uma assistência de qualidade. **Justificativa-** Agregar o conhecimento de profissionais que não são médicos, mas que possuem uma qualificação para o parto, como o enfermeiro obstetra, outro fato de relevância, sendo o modelo obstétrico que o Brasil possui, onde

os partos cesarianos são os mais realizados e em recorrência do mesmo, é apontado como o responsável pelas altas taxas de morte materna e neonatal **Metodologia-** O estudo tratou-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo qualitativo, sendo pertinentes ao tema tratado. **Desenvolvimento-** Compreende-se que cuidar engloba diversas atividades que proporcionam o acolhimento e a segurança da mulher, como por exemplo estar próximo a mesma, auxiliando-a em suas necessidades, de modo a respeitar sua privacidade e particularidades. Quando se trata de enfermagem obstétrica, os cuidados que o cercam são enormes, para os mesmos são utilizadas de diversas tecnologias envolvendo procedimentos, técnicas e conhecimento que devem ser aplicadas em diferentes fases do parto ao nascer. Tais métodos, buscam não intervir no processo fisiológico do parto, ou seja, compreende-se que a gestação, o parto e o nascimento devem ocorrer de maneira natural, com propósito de promover o relaxamento, conforto e segurança, colaborando assim com o parto natural. **Considerações Finais-** Ressaltou assim a importância da enfermagem na obstétrica e qual o papel do enfermeiro em meio a esse âmbito. Outrora destacou como o parto normal agrega na saúde tanto da parturiente como do recém-nascido, além de agregar no laço familiar. Inclusive, expôs a falta de capacitação da equipe e de enfermeiros sobre o assunto, além da infraestrutura das instituições que ainda não se encontram preparadas para que haja a realização desses eventos fisiológicos de modo humanizado.

**Palavras-chave.-** Enfermagem, obstetrícia, parto normal, parturiente.

## **Introdução**

Em meio a história, o sonho de ser mãe entre as mulheres é algo que se faz presente em muitas famílias até os dias atuais, no entanto, o sistema de parto e a assistência prestada sofreram muitas alterações. Assim a responsabilidade do parto antes era apenas feita por mulheres, sendo elas denominadas como parteiras. (MELO, A.A.P., et al.).

De tal modo, por séculos, as parteiras eram quem exerciam as práticas assistenciais obstétricas, mesmo com tão pouco conhecimento científico, eram as únicas designadas à realização do parto. Tal método passou por anos de geração em geração, até serem substituídos por métodos da medicina moderna ocidental (CASSIANO, A. N.; et al., 2020).

Em 1985, a OMS (Organização Mundial da Saúde) estabeleceu o marco na obstetrícia, publicando um documento, denominado de “Tecnologia Apropriada para Partos e Nascimento”, no qual reformula a assistência ao parto, trazendo consigo humanização para o mesmo (CASSIANO, A. N.; et al., 2020).

No Brasil, por volta dos anos 90, em meio ao contexto sobre o modelo biomédico na obstetrícia, houve a inserção do enfermeiro obstétrico, reconhecida nas políticas públicas de atenção ao parto e nascimento instituídos no mesmo. Isso devido a perda de autonomia da mulher parturiente, além de relações verticalizadas e práticas intervencionistas (CASSIANO, A. N.; et al., 2020).

Nas maternidades públicas, desde 1998, há o incentivo em relação a atuação do enfermeiro obstetra em meio ao parto normal, em sua assistência, pelo MS (Ministério da Saúde) e Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Rio de Janeiro (SILVA, T. F.; COSTA, G.A.B.; PEREIRA, A.L.F., 2011). Já no ano de 2000, visando a redução dos índices de morbimortalidade materna e neonatal e de intervenções desnecessárias em meio aos partos, o Programa de Humanização do Pré-natal e Nascimento (PHPN) firmou a profissional enfermeiro como coparticipante da PNAP (Política Nacional de Atenção ao Parto), com o intuito de incentivar o parto normal e conseqüentemente reduzir as taxas de cesarianas (CASSIANO, A. N.; et al., 2020).

Com o passar dos anos, várias políticas foram criadas, dentre elas, a criação do Programa Rede Cegonha (RC) em 2011, que visa a segurança e a humanização desde o início da gravidez, pré-natal e parto, para o RN (recém-nascido) e inclui a criança até os dois anos de idade, estabelecendo assim medidas que garantem o atendimento adequado a tais mulheres. Visto que, perante a Portaria de consolidação nº 03, de 28 de setembro de 2017, em seu artigo 4º inciso III, há “garantia das boas práticas e

segurança na atenção ao parto e nascimento”, sendo a mesma responsável pela organização a rede de cuidados materno infantil (BRASIL, 2018).

Em relação ao profissional de enfermagem, para atuar na área da obstetrícia, é necessária uma qualificação na assistência. Assim, necessita-se de pós-graduação relacionadas a tais áreas, que destaquem a saúde materna infantil, da mulher e a obstetrícia, de modo que o enfermeiro obtenha compreensão da reprodução de maneira natural, de forma centrado na mulher e saudavelmente, ademais os cursos de especialização em enfermagem obstétrica vem adquirindo valorização do saber popular vinculando com o conhecimento científico, de modo que relacione as habilidades técnicas e valorização da equipe interdisciplinar. Sendo totalmente diferente do século XIX, onde o conhecimento científico, de parteiras, não era necessária e as enfermeiras obstetras de modo geral tinha sua formação vinculadas a escolas médicas, que aderiam ao modelo biomédico (CASSIANO, A. N.; et al., 2020).

Em meio aos ganhos de tais cursos de especialização, o Enfermeiro Obstetra (EO) teve outros benefícios, sendo mais uma delas a regulamentação, a partir do desenvolvimento de um documento, onde permite o exercício do profissional na realização de episiotomia, episiorrafia, anestesia local (quando necessário), além de ser responsável por assistir a parturiente de maneira a identificar complicações, tudo conforme normas e diretrizes para a assistências ao parto normal (CASSIANO, A. N.; et al., 2020).

Alguns estudos expõem o desempenho ativo da enfermagem em relação aos cuidados para com a mulher de forma humanística, instituindo cuidados e conforto e auxiliando a fisiologia natural da mesma. Ademais, com tais implementações no cuidado, demonstram acolhimento e solidariedade, o que conseqüentemente aumenta a relação entre paciente, profissionais e familiares (SILVA, T. F.; COSTA, G.A.B.; PEREIRA, A.L.F., 2011).

Ao mesmo tempo que o modelo humanístico ganha espaço nos serviços de saúde, o modelo biomédico ainda e faz presente culturalmente, o que conseqüentemente traz resistências nas ações que a humanização traz afim de promover melhora na assistência obstétrica (SILVA, T. F.; COSTA, G.A.B.; PEREIRA, A.L.F., 2011).

Diante disso, o EO possui competência para distinguir as necessidades de intervenção em meio a complicações e auxiliar o processo fisiológico do nascimento trazendo assim grandes benefícios a gestante. De tal forma, apresentam práticas já pré-estabelecidas, o que, no entanto, ajuda na complementação do atendimento, trazendo assim benefícios tanto ao RN (recém-nascido), como para a gestante e os familiares (CASSIANO, A. N.; et al., 2020).

### **Objetivo Geral**

Expôr a importância da enfermagem obstétrica no parto normal na atualidade de acordo com o processo histórico da mesma, promovendo assim, uma assistência de qualidade.

### **Objetivos Específicos**

Apresentar de maneira significativa estatísticas que contribuam para futuros estudos acerca do parto normal.

Descrever, de acordo com referencial teórico, a importância do enfermeiro obstetra no parto normal.

Contribuir com estudos existentes no processo de humanização da assistência de enfermagem.

### **Justificativa**

O número elevado de mortalidade tanto materna como neonatal no Brasil é extremamente alto e juntamente com tais números adentram os altos índices de intervenções obstétricas, na qual ocorrem habitualmente em partos e gestações de risco (BRASIL, 2018).

Outro fato de relevância, sendo o modelo obstétrico que o Brasil possui, onde os partos cesarianos são os mais realizados e em recorrência do mesmo, é apontado como o responsável pelas altas taxas de morte materna e neonatal (ROCHA, N. F. F., FERREIRA, J., 2020).

Agregar o conhecimento de profissionais que não são médicos, mas que possuem uma qualificação para o parto, como o enfermeiro obstetra, analisando assim de modo comparativo o acompanhamento de ambos os trabalhos em relação ao acompanhamento do parto (OSAVA, 1996).

### **Metodologia**

O estudo tratou-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo qualitativo, onde o procedimento foi realizado tendo em vista conteúdos publicados do ano de 1996 a 2020. O tema foi delimitado a partir de uma pesquisa geral sobre os conteúdos disponíveis sobre a participação da enfermagem no parto, onde notou-se uma carência de estudos sobre a enfermagem obstétrica, desenvolvendo a delimitação o tema. 14 artigos foram selecionados para segunda avaliação, sendo 8 utilizados no presente trabalho. As plataformas utilizadas foram Scielo, Sanare, Repis, Ministério da Saúde (MS), Salud, Cofen e Faef com o intuito de realizar uma pesquisa com dados fidedignos e atuais. Os descritores utilizados foram “parto humanizado”, “enfermeiro obstetra”, “parto normal”, “assistência de enfermagem”. Todos os estudos foram selecionados de acordo com os critérios de inclusão, sendo eles: estarem em língua portuguesa, estarem completamente disponíveis de forma gratuita, estarem entre os anos citados anteriormente e serem pertinentes ao tema tratado.

### **Desenvolvimento**

Quando se trata de gestação, parto e puerpério, o cuidado para com o mesmo é imprescindível. Assim, compreende-se que cuidar engloba diversas atividades que proporcionam o acolhimento e a segurança da mulher, como por exemplo estar próximo a mesma, auxiliando-a em suas necessidades, de modo a respeitar sua privacidade e particularidades. Para que tal relação ocorra, sendo indispensável o estabelecimento de uma relação entre mulher e enfermeiro, fundamentando assim uma afetividade e o diálogo entre ambas, afim de promover o bem-estar mental, físico, espiritual e social da gestante (NASCIMENTO, F. C.V; SILVA, M. P; VIANA, M. R. P., 2018).

A importância das parteiras em relação ao parto é de valor significativo até os dias atuais, já que as mesmas, traziam consigo a humanização, o valor psicológico de estar presente e transmitir segurança, seja sobre o bebê ou sobre a exposição das partes íntimas que muitas mulheres se envergonhavam. Assim, as parteiras, trazem consigo a familiarização de manobras que facilitavam o parto e dispunham de total conforto para com a gestante (ALVES, D. F.C.; et al, 2017).

Quando se trata de enfermagem obstétrica, os cuidados que o cercam são enormes, para os mesmos são utilizadas de diversas tecnologias envolvendo procedimentos, técnicas e conhecimento que devem ser aplicadas em diferentes fases do parto ao nascer. Tais métodos, buscam não intervir no processo fisiológico do parto, ou seja, compreende-se que a gestação, o parto e o nascimento devem ocorrer de maneira natural, com propósito de promover o relaxamento, conforto e segurança. Assim, podem ser utilizadas para o alcance desses resultados, a água, aromas, óleos essenciais e música, que acabam auxiliando no relaxamento corporal da gestante (SILVA, T. F.; COSTA, G.A.B.; PEREIRA, A.L.F.,2011).

Algumas dessas tecnologias para fins ao cuidado corporal da gestante auxiliam no nascimento do bebê devido a estimulação de movimentos corporais, sendo eles movimentos pélvicos, exercícios posturais, deambulação e até mesmo agachamentos. Os mesmos podem ou não necessitar de recursos, como por exemplo, cadeira de balanço obstétrica, bola suíça e banquinho meia-lua (SILVA, T. F.; COSTA, G.A.B.; PEREIRA, A.L.F,2011).

Tratando-se de assistência, devem envolver desde os profissionais até os gestores, de modo a efetivar ações que promovam apoio de qualidade e sem riscos. Com isso, a enfermagem se tornou atuante direto, buscando sempre o aprimoramento de conhecimentos científicos e técnicos que contribuem para melhorias na prestação de serviços. Ademais, o EO é responsável pelo acompanhamento da puérpera em todas as fases da gestação, desde o pré-natal até o pós-parto, e até mesmo no auxílio de gestantes de alto risco, estando assim preparadas e qualificadas para a detectar os problemas que venham a ocorrer, com manejo clínico rápido e adequado de acordo com o diagnóstico destacado, proporcionando e facilitando implementações dos

cuidados a serem realizados de maneira a assegurar a vida da criança e da mãe (MEDEIROS, A.L.; et al, 2016).

Em 2017, a Diretriz Nacional da Assistência ao Parto normal, preconizou a importância de implementação de uma assistência que promove a inserção do obstetra e da enfermeira obstetra em partos de baixo risco, provocando assim a diminuição de métodos de intervenção, além de aumentar a satisfação da parturiente perante a circunstância. Em meio ao aumento do número de intervenções desnecessárias realizadas e as taxas de mortalidade materna e de recém-nascidos, as políticas de atenção à saúde da mulher e da criança tiveram a diligência de incentivar melhorias na assistência prestada em meio a atenção de atendimento, visando a diminuição das taxas de cirurgia cesariana e mortalidade tanto da gestante como dos bebês (BRASIL, 2018).

De tal modo, os profissionais de enfermagem obstétrica são formados a partir de moldes estabelecidos no PHPN, o que conseqüentemente traz melhorias em relação a mudanças nas práticas exercidas na obstetrícia, embasadas em produções científicas e na assistência a ser prestada (ROCHA, N. F.F., FERREIRA, J., 2020).

São inegáveis de como são imprescindíveis a realização do parto normal mediante as tecnologias e métodos que abrangem tal área, no entanto, quando em casos de urgências obstétricas, há a necessidade da realização de intervenções, como por exemplo a cesariana, onde o é exposto risco da saúde de mãe e filho, se faz primordial a realização outros métodos que não o natural. O que se contesta, é a utilização excessiva dos mesmos, o que além de aumentar os riscos de morbimortalidade, retiram a possibilidade da mulher da vivência do parto de modo humanizado e qualificado (CASSIANO, A. N.; et al., 2020).

Uma das intervenções utilizadas em gestante, é a cesariana, sendo a mesma uma intervenção cirúrgica, com o propósito de diminuir as complicações maternas e fetais e seus riscos em meio ao trabalho de parto. No entanto, como qualquer cirurgia, a cesariana possui riscos e podendo prejudicar a saúde do bebê e da mulher. Contudo, em tempos passados, tal método de intervenção era apenas utilizado em casos realmente precisos, como em mulheres que já faleceram e se realizada para salvar a vida do bebê que se mantinha com vida, ou em casos de extremas complicações que

acabassem colocando a segurança e a vida materna e neonatal em risco. Nos dias atuais a mesma é realizada de maneira frequente, o que não deve ocorrer, segundo vários autores, que concordam que a Cesária só deve ser realizada em casos de complexidade e/ complicações e com indicação médica (PEREIRA, R. M., 2018).

Em meio ao aumento do número de intervenções desnecessárias realizadas e as taxas de mortalidade materna e de recém-nascidos, as políticas de atenção à saúde da mulher e da criança tiveram a diligência de incentivar melhorias na assistência prestada em meio a atenção de atendimento, visando a diminuição das taxas de cirurgia cesariana e mortalidade tanto da gestante como dos bebês (BRASIL, 2018).

Segundo a resolução do COFEN N° 516/2016 Art.1°:

*"Normatizar a atuação e a responsabilidade do Enfermeiro, Enfermeiro Obstetra e Obstetrix na assistência às gestantes, parturientes, puérperas e recém-nascidos nos Serviços de Obstetrícia, Centros de Parto Normal e/ou Casas de Parto e demais locais onde ocorra essa assistência e estabelecer critérios para registro de títulos de Enfermeiro Obstetra e Obstetrix no âmbito do Sistema Cofen/Conselhos Regionais de Enfermagem" (COFEN,2016).*

Em meio a tantas transformações, o reconhecimento da atuação do EO em meio ao cotidiano e a realidade em que vivemos se faz importante, e conseqüentemente traz consigo prerrogativas através de normas publicadas a legitimação da atuação desses profissionais na atenção ao parto no SUS (BRASIL, 2018).

No Brasil, o modelo hospitalar enquadrado, destaca a enfermagem como o profissional que destina mais tempo para com a gestante em todas as etapas de sua internação. Estando assim ao lado das mesmas, em qualquer intervenção médica, monitorando seu estado clínico, de modo a perceber intercorrências que venham a ocorrer e prestando cuidados que vão além de modo a deixar a paciente o mais segura e confortável possível (ROCHA, N. F.F., FERREIRA, J., 2020).

Com o propósito de estimular o parto normal, a ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar) vem buscando experiências que possam servir de modelos e incentivarem as gestantes ao mesmo. De tal forma, a proposta da ANS é que os hospitais que se proporem a seguir o projeto e credenciados aos planos de saúde, mudem os padrões de atenção ao parto, investindo e impulsionar o parto normal, visando um resultado em longo prazo, de nascimentos mais saudáveis , que

consequentemente diminuirão as taxas de intervenções sem indicação clínica, como as cesariana por exemplo, além dos números de internação em UTIs Neonatais e/ou nascimentos prematuros, tendo como efeito o contentamento das gestantes (PEREIRA, R. M.; et al, 2018).

Em meio ao parto, as dificuldades são diversas, ainda mais quando se trata da prestação de uma assistência de maneira humanizada. Sendo assim, algumas dessas objeções são a disponibilidade de recursos e infraestrutura na instituição, a capacitação dos profissionais, adentra também as condições emocionais e físicas da paciente no instante do parto, necessitando assim de apoio e atenção. No entanto, mesmo com tais complicações, o EO deve estar capacitado, já que ocupa uma posição importantíssima tanto na assistência como no direcionamento multiprofissional de uma equipe, para que o cuidado humanizado aconteça (NASCIMENTO, F. C. V.; SILVA, M. P.; VIANA, M. R. P. , 2018).

Para que haja uma assistência de valor humanizado mediante ao parto, na busca da redução de práticas de intervenções invasivas, se faz necessário melhorias nas intuições e nos profissionais. Em vista disso, precisa-se da continuação da capacitação dos profissionais que estão envolvidos de maneira a tratarem com respeito o parto humanizado, o modo como a parturiente é acolhida fazendo com que a mesma dialogue e se sinta confiante, a adequação da instituição tanto em estrutura física como em materiais que gerem melhoria no parto e por fim, profissionais que sancionam a mulher como sujeito ativo no parto, ou seja, proporcionando a autonomia a parturiente no momento do parto, agregando assim a efetivação do parto humanizado (NASCIMENTO, F. C. V.; SILVA, M. P.; VIANA, M. R. P. , 2018).

Diante do processo do parto, é imprescindível a valorização de aspectos sociais e culturais, tendo em vista também autonomia da mulher, dessarte é importante o enfermeiro estar atendo a parturiente, prestando suporte físico e emocional nas manutenções de condutas, buscando sempre o estímulo de práticas que não sejam invasivas, tal qual a mudança de posição, o incentivo à deambulação e a utilização de água para que haja o relaxamento da mulher. Ademais, o vínculo afetivo estabelecido entre os familiares e a gestante juntamente com o bebê também são importantes, de tal

forma, deve-se estimular a participação familiar durante o parto (ALVES, D. F. C., et al, 2017).

O olhar do enfermeiro obstetra deve ser de forma holística, mas sempre embasada no conhecimento científico, afim de promover de maneira individualizada a assistência a parturiente, fazendo com que a mesma se sinta parte do processo do parto, e que o tal processo ocorra de maneira natural acompanhando o ritmo do seu corpo. Cabe assim ao EO, criar condições que sejam favoráveis para o nascimento, colaborando assim com o parto natural, sempre de forma ética e atenta a complicações que possam vir a ocorrer diante das respostas da gestante (ALVES, D. F. C., et al, 2017).

Ressalta-se também que a mulher deve autorizar a realização da tocoginecologia e que o acompanhante da mesma deve receber instruções sobre os procedimentos e condutas, além de estimular o mesmo à participação durante todo o processo do parto. Outrossim, salienta-se que em centros de parto normal, a resistência dos profissionais é grande quanto a aderência de mudanças na assistência a grávida, e que isso deve ser alterado, já que a mesma deve se sentir confortável (ALVES, D. F. C., et al, 2017).

Dentre os instrumentos essenciais da assistência de enfermagem em meio a atualidade, a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) é uma das modalidades mais eficazes, melhorando assim a qualidade diante do cuidado já que o enfermeiro possui uma organização quanto as intervenções oferecidas, de modo individualizado para cada paciente, buscando assim bons resultados e melhoria na prestação da assistência (MEDEIROS, A. L.; et al, 2016).

Tratando se de intervenções, elas são parecidas aos cuidados gerais de enfermagem mediante a rotina que o setor apresenta, de tal maneira geralmente não são elaboradas de acordo com todos os diagnósticos. Ressalta-se também que as intervenções evidenciadas no prontuário das gestantes internadas na UTI materna são estabelecidas por enfermeiras coordenadoras de enfermagem e enfermeiras do setor da instituição, sendo algumas dessas intervenções: Lavar as mãos antes e após

contato com a paciente; apoiar a paciente em suas necessidades; manter monitoração cardíaca e oximetria de pulso contínuos; observar e registrar a amamentação; apoiar a paciente em suas necessidades (MEDEIROS, A. L.; et al, 2016).

Em meio a enfermagem obstétrica são implementadas tecnologias que envolvem técnicas e procedimentos utilizados pelo EO durante todo o processo do cuidado, sendo cada uma delas diferentes e apropriadas para cada segmento da gestação desde o parir até o nascimento do bebê. Tais tecnologias, buscam estimular a agregação do parto normal no cotidiano das gestantes, enfatizando que o nascimento é um processo fisiológico da vida humana e que não se deve intervir em meio a este processo natural (MEDEIROS, A. L.; et al, 2016).

### **Considerações Finais**

O objetivo proposto foi atendido, ressaltou assim a importância da enfermagem na obstetria e qual o papel do enfermeiro em meio a esse âmbito. Outrora destacou como o parto normal agrega na saúde tanto da parturiente como do recém-nascido, além de agregar no laço familiar. Inclusive, expôs a falta de capacitação da equipe e de enfermeiros sobre o assunto, além da infraestrutura das instituições que ainda não se encontram preparadas para que haja a realização desses eventos fisiológicos de modo humanizado.

Diante do exposto, ressaltou-se a importância do papel da enfermagem em obstetrícia, logo que o mesmo se encontra presente em todas as fases da gestação, o que consequentemente faz com que o enfermeiro obstetra crie um laço afetivo com a gestante, oferecendo-a confiança, segurança e conforto em meio todas as etapas do parto.

Ademais, o presente artigo demonstrou como o papel do enfermeiro se faz imprescindível de maneira ética e humanizada. De tal modo, a humanização e os cuidados prestados a parturiente traz benefícios a saúde da mesma, visando assim a diminuição de complicações no parto. Outra evidência apresentada é de que o evento

fisiológico natural do parto é um dos momentos mais insubstituíveis na gestação, e que mesmo com as dificuldades do mesmo, quando aliada a humanização prestada e as tecnologias do cuidado aplicadas de modo correto, tornam o parto normal um acontecimento gratificante tanto para a equipe quanto para a parturiente e familiares.

No entanto, quando se trata do parto natural a sociedade ainda apresenta um bloqueio diante a esse evento. Com isso, a cesariana acaba alcançando números elevados por serem oferecidas de modo incontrolável e sem necessidade diante do quadro clínico da maioria das pacientes. Outro fato relevante apresentado, é que ainda na atualidade, diversos profissionais não possuem capacitação para a realização do parto normal, o que acaba prejudicando o acontecimento e podendo deixar a mulher se sentir oprimida em meio ao âmbito.

Assim, considerando as evidências científicas, que por sua vez comprovam os benefícios oferecidos do parto normal e da prestação de uma assistência humanizada a gestante, é de extrema importância a agregação e a exposição desse assunto tanto na formação acadêmica como nos paradigmas impostos na sociedade atual, onde a saúde da mulher ainda necessita de mais atenção. Outrossim, se faz necessário a capacitação dos profissionais, para que haja um assessoramento prestado de forma humanizada e com qualidade, buscando sempre uma assistência multidisciplinar. Cabe também, a instituição hospitalar estar preparada para a recepção das mesmas, visando a diminuição de riscos e ampliando o olhar ao atendimento a ser prestado, com enfoque na garantia a saúde e dos direitos das mulheres e dos recém-nascidos, afim de diminuir a morbimortalidade associados a cirurgia cesariana.

Salienta-se que o artigo exposto teve como finalidade a exposição dos benefícios do parto normal, frisando a importância do Enfermeiro e de sua equipe no evento fisiológico natural, ressaltando o quão gratificante e lindo é o nascer de uma vida.

### **Referências Bibliográficas**

MELO, A. A. P., et al. Atuação do Enfermeiro no Parto Humanizado. João Ribeiro de Barros: REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE ENFERMAGEM DA FAEF, volume I,

no I, Junho/2018. Acesso em 28 de out de 2020. Disponível em: <[http://www.faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/ClaOegJjw8lyxQ\\_2018-7-26-10-46-43.pdf](http://www.faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/ClaOegJjw8lyxQ_2018-7-26-10-46-43.pdf)>.

BRASIL. RESOLUÇÃO COFEN No 516/2016 – ALTERADA PELA RESOLUÇÃO COFEN No 524/2016. Brasília: Cofen – Conselho Federal de Enfermagem, 2016. Acesso em 25 de out. de 2020. Disponível em: < [http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-05162016\\_41989.html](http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-05162016_41989.html) >.

OSAVA, R. H. A redução das taxas de operações cesarianas no Brasil: Um desafio para a enfermagem obstétrica. Rio de Janeiro: J. bras. ginecol ; 106(11/12): 421-7, nov.-dez,1996. Acesso em : 28 de out. De 2020. Disponível em:<<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-189012?lang=es>>.

ROCHA, N. F.F.; FERREIRA, J. .A escolha da via de parto e a autonomia das mulheres no Brasil: uma revisão integrativa. Saúde Debate. Rio de Janeiro, V. 44, N. 125, P. 556-568, Abr-Jun, 2020. Acesso em :16 de out de 2020.Disponível em: <<https://www.scielosp.org/article/sdeb/2020.v44n125/556-568/>>.

BRASIL. Assistência de Enfermagem Obstétrica: Atuação nos Centros Obstétricos dos Hospitais da Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal. Brasília: CPPAS- Comissão Permanente de Protocolos de Atenção à Saúde. p. 1-22, 2018. Acesso em 5 de nov de 2020. Disponível em : <[http://www.saude.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/24\\_Protocolo\\_de\\_Atencao\\_a\\_Saude\\_Enfermagem\\_Obstetrica\\_vers%C3%A3o-CP.pdf](http://www.saude.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/24_Protocolo_de_Atencao_a_Saude_Enfermagem_Obstetrica_vers%C3%A3o-CP.pdf)>.

SILVA, T. F.; COSTA, G. A. B. , PEREIRA, A. L. F., CUIDADOS DE ENFERMAGEM OBSTÉTRICA NO PARTO NORMAL. Rio de Janeiro: Cogitare Enferm. ; 16(1):82-7, jan/mar, 2011. Acesso em 6 de out de 2020. Disponível em : < <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/21116/13942> >.

CASSIANO, A. N., et al. Atuação do enfermeiro obstétrico na perspectiva das epistemologias do Sul. Riode Janeiro. Esc. Anna Nery, vol.25 no.1, 17-Jul-2020. Acesso em 6 de out de 2020. Disponível em: < [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452021000100501](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452021000100501) >.

NASCIMENTO, F. C. V.; SILVA, M. P.; VIANA, M. R. P.Assistência de enfermagem no parto humanizado. Piauí: Rev Pre Infec e Saúde. v.4:68-87 , 2018. Acesso em 10 de nov de 2020. Disponível em:<<https://revistas.ufpi.br/index.php/nupcis/article/view/6821/pdf>>.

PEREIRA, R. M., et al. Novas práticas de atenção ao parto e os desafios para a humanização da assistência nas regiões sul e sudeste do Brasil. Belo Horizonte: Ciência & Saúde Coletiva, 23(11):3517-3524, 2018. Acesso em 10 de nov de 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2018.v23n11/3517-3524/>>.

MEDEIROS, A. L., et al. Avaliando diagnósticos e intervenções de enfermagem no trabalho de parto e na gestação de risco. Porto Alegre: Rev. Gaúcha Enferm. vol.37 no.3, 2016. Acesso em 10 de nov de 2020. Disponível em :<[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472016000300409](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472016000300409)>.

ALVES, D. F. C.; et al. Processo de humanização na Assistência de Enfermagem à Parturiente: Revisão Integrativa. Sobral: SANARE. V.16 n.02,p.68-76, Jul./Dez. - 2017. Acesso em 5 nov de 2020. Disponível em:<<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/download/1180/641>>.